

emocional e que esse conhecimento traz nítidas consequências para a qualidade das interações enfermeiro-paciente. Os enfermeiros adquirem poder de médico uma vez que têm capacidade para interpretar essas informações, porém seu poder é minimizado em relação ao tradicional papel de "cuidado" dos enfermeiros. Essa análise pode trazer implicações para a nossa compreensão dos recentes escândalos de saúde em hospitais e lares.

Levando-se em consideração tanto as teorias feministas de como a dominação masculina é estabelecida por meio do cerceamento das expectativas das mulheres e o trabalho de Amartya Sen (1999) sobre o conceito de "desenvolvimento" estruturado nas *habilidades* das pessoas de "viver o tipo de vida que valorizam – e ter motivo para valorizar" –, Lukes (2004) argumentou que poder é uma "habilidade" ou conjunto de "habilidades" humanas, chamando a atenção para o modo como elas podem ser negadas ou aprimoradas. Obviamente a Sociologia Política não funciona sem o conceito de poder, mas, mesmo com essas releituras, é pouco provável que se chegue a algum consenso geral sobre o que é poder e como ele funciona. Talvez no futuro, em vez de ingressar em debates teóricos sobre a natureza do poder, o conceito seja definido "na prática", caso a caso.

### Referências e leitura complementar

- HENDERSON, A. Power and knowledge in nursing practice: the contribution of Foucault, *Journal of Advanced Nursing*, 20(5), 1994, p.935-9.  
 LUKES, S. *Power: A Radical View*. 2.ed. rev. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004 [1974].  
 [Ed. Bras.: *O poder, uma visão radical*. Brasília: UnB, 1980.]  
 NASH, K. *Contemporary Political Sociology: Globalization, Politics and Power*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, esp. cap. 1.  
 SEN, A. *Development as Freedom*. Oxford: Oxford University Press, 1999.  
 [Ed. Bras.: *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.]

## SOCIEDADE CIVIL

### Definição prática

Esfera da sociedade composta por todas as redes, associações de voluntários, empresas, clubes, organizações e famílias formadas por cidadãos de modo independente do governo.

### Origens do conceito

O conceito de sociedade civil remonta à Antiguidade, quando era associado às ideias de civilidade e ao tratamento respeitoso entre as pessoas. Contudo, as modernas concepções de sociedade civil se inspiraram na ideia do século XIX de Alexis de Tocqueville de "associações cívicas", tais como hospedarias, casas de caridade e grupos religiosos, abundantes nos EUA. Para Tocqueville, a existência de milhares de associações desse tipo não servia apenas para a execução de funções úteis, mas era também fundamental para sustentar a cultura democrática do país (Eberly, 2000). Durante grande parte do século XX, sociólogos e teóricos políticos pouco acrescentaram sobre o tema da sociedade civil, porém houve uma retomada de interesse no assunto a partir da década de 1980. Ultimamente, o interesse mudou para as teorias cosmopolitas de uma sociedade civil global que, pela primeira vez, promete uma forma global efetiva de **cidadania**.

### Significado e interpretação

O conceito de sociedade civil se aproxima do conceito de **esfera pública**. No entanto, esta é, de modo geral, compreendida como todos os espaços públicos onde ocorrem a discussão e o debate sobre a sociedade e suas decisões políticas. Por outro lado, a sociedade civil consiste em grupos de voluntários, clubes e outras formas organizadas de associação cívica. Existem, porém, muitas divergências sobre o que sociedade civil envolve. Para alguns, ela não inclui empresas, para outros a **família** não

faz parte, e outros ainda fazem uma distinção entre três universos: Estado, mercado e sociedade civil.

Há também divergências fundamentais sobre a natureza da sociedade civil. Para alguns, representa um espaço para a expressão da cidadania ativa e é o baluarte democrático contra o autoritarismo. Essa visão camufla a possibilidade evidente de que as organizações e os grupos de voluntários estejam, em certa medida, competindo uns contra os outros (por recursos e membros) e as relações entre eles sejam muito menos cooperativas do que sugeririam análises mais positivas. Na tradição marxista, sociedade civil é menos ainda uma arena progressista de voluntarismo e criatividade. Segundo Marx, a sociedade civil, junto com o restante da superestrutura cultural, implica a transmissão de dominação ideológica e cultural do **capitalismo** e de seus valores. Entretanto, pensadores neomarxistas mais tarde, sobretudo Gramsci, reconheceram que essa dominação **ideológica** nunca era total, e que a sociedade civil pelo menos oferecia oportunidades para construir um embate contracultural (Edwards, 2014).

O renascimento do conceito de sociedade civil ao final da década de 1980 pode ter sido estimulado por acontecimentos no Leste Europeu e o colapso do comunismo soviético. O fortalecimento da sociedade civil parecia uma maneira útil de contrabalançar o poder dos Estados. Nos últimos anos, ela também foi invocada como um meio eficaz de chegada à paz em lugares como Irlanda do Norte, Kosovo e Afeganistão (Harris, 2003, p.2). A formação de **redes** e associações de voluntários inclusivas poderia ajudar a construir alicerces sociais fortes para além das ações dos governos.

O conceito foi ampliado recentemente por pensadores cosmopolitas cuja agenda de pesquisas passou a se firmar nas **ciências** sociais. Beck (2006) afirma que as ideias de cidadania universal e sociedade civil global foram historicamente reduto de elites sociais bem viajadas e bem relacionadas, as quais *voluntariamente* optaram por se considerar como "europeus" ou "cidadãos do mundo". No entanto, por causa dos processos de **globalização**, esse panorama agora possui raízes muito mais fortes na realidade e é potencialmente mais eficaz. À medida que as interações e comunicações globais se disseminam, uma sociedade civil

global pode estar se desenvolvendo. Por exemplo, campanhas contra minas terrestres, sonegação fiscal por parte de empresas multinacionais e terroristas fundamentalistas conseguem conectar simpatizantes no mundo inteiro em redes globais que ajudam a formar uma sociedade civil global (Kaldor, 2003).

### *Aspectos controversos*

Alguns estudos pressupõem que uma sociedade civil forte inevitavelmente fortalece a **democracia** e que o desenvolvimento delas ocorre em conjunto. No entanto, isso não é necessariamente verdade. Diversos clubes e organizações de voluntários estão muito longe de serem democráticos e não há nenhum motivo que nos leve a supor que deveriam ser. Promover a sociedade civil como uma panaceia para os déficits democráticos na política formal ou como um contrapeso às lideranças autoritárias pode, portanto, ser um engano. Alguns grupos de voluntários às vezes possuem níveis elevados de capital social – como a Associação Nacional de Rifles nos EUA – e têm acesso ao governo, o que lhes confere muito mais **poder** do que outros grupos para influenciar as políticas sem precisar concorrer a eleições.

Nem todo mundo concorda que a sociedade civil esteja em um estado de saúde plena. O estudo de Robert Putnam (2000) sobre associações cívicas nos Estados Unidos descobriu muitas constatações de que os laços cívicos e a associação a órgãos voluntários estão, na verdade, em declínio. Segundo ele, as associações de pais e mestres, a Federação Nacional de Clubes para Mulheres, a Liga das Eleitoras e a Cruz Vermelha registraram, desde a década de 1960, quedas de cerca de 50% no número de associados. Menos pessoas declararam que socializam com vizinhos ou sequer confiam neles. Comparativamente, resultados menos drásticos também foram descobertos no Reino Unido e na Austrália, porém Suécia, Holanda e Japão registraram níveis estáveis ou ascendentes de capital social (redes sociais) (Halpern, 2005). O cenário, portanto, é misto, mas de fato não representa um bom prognóstico para as ideias de uma sociedade civil global.

Aparentemente, as teorias cosmopolitas que indicam o surgimento de uma forma global de sociedade civil não se respaldam pelas provas. Até agora, a mentalidade e a prática cosmopolitas parecem estar restritas a ativistas e acadêmicos no Ocidente que detêm um comprometimento normativo com o projeto ou com turistas internacionais ricos que conseguem aproveitar plenamente as oportunidades da mobilidade internacional. Para a maioria das pessoas, um comprometimento com a nação ou a comunidade local continua sendo a fonte principal de identificação.

### Relevância contínua

Na contramão de algumas perspectivas mais otimistas sobre a possibilidade de uma futura sociedade civil global, a crise financeira mundial de 2008 levou a algumas análises muito menos sanguíneas. Um exemplo é a dissertação de Pianta (2013) sobre as perspectivas de uma resposta organizada de dentro da sociedade civil. Observando o “déficit democrático” na UE, Pianta afirma que a crise na zona do euro intensificou a percepção disso, já que as decisões são tomadas e impostas aos cidadãos sem o seu devido envolvimento. Por outro lado, houve reações fortes na Europa inteira por parte dos atores da sociedade civil, ilustrando a força potencial dos grupos de cidadãos. Contudo, até agora, esses grupos não estão unidos em sua abordagem e continuam divididos em se tratando de qual a melhor maneira de aumentar a participação democrática.

São bastante frequentes as afirmações de que a difusão da internet é um fator fundamental na construção de uma sociedade civil global emergente, possibilitando comunicação, debate e **interação** em nível global. Entretanto, para Naughton (2001), a internet pode não estar tão livre de problemas como parece. A maioria dos estudos parte do princípio de que ela seja simplesmente um recurso a ser usado. Mas isso é muita ingenuidade. Ainda que a natureza de fonte aberta da internet esteja alinhada aos valores de uma sociedade civil global, essa abertura radical não é inevitável, e existem interesses governamentais e corporativos pressionando por mudança. A crescente presença da publicidade corporativa na web,

de diversas formas sutis ou nem tão sutis assim, mostra como o caráter da internet pode estar mudando. A enorme lacuna digital entre os países ricos em informações e os pobres em informações também representa uma barreira à comunicação global. Naughton argumenta que, durante muito tempo, o ciberespaço foi visto como muito diferente do “mundo real”, mas, na realidade, ambos convergem em torno de lutas por poder essencialmente semelhantes entre sociedade civil e interesses corporativos e governamentais.

### Referências e leitura complementar

- BECK, U. *Cosmopolitan Vision*. Cambridge: Polity, 2006.
- EBERLY, D. E. (ed.). *The Essential Civil Society Reader*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2000.
- EDWARDS, M. *Civil Society*. 3.ed. Cambridge: Polity, 2014.
- HALPERN, D. *Social Capital*. Cambridge: Polity, 2005.
- HARRIS, J. (ed.). *Civil Society in British History: Ideas, Identities, Institutions*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- KALDOR, M. *Global Civil Society: An Answer to War*. Cambridge: Polity, 2003.
- NAUGHTON, J. Contested space: the internet and global civil society. In: GLASIUS, H. A. M.; KALDOR, M. (eds.). *Global Civil Society*. London: Sage, 2001.
- PIANTA, M. Democracy lost: the financial crisis in Europe and the role of civil society, *Journal of Civil Society*, 9(2), 2013, p.148-61.
- PUTNAM, R. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster, 2000.